

Estudos Sobre Arte Rupestre

In memoriam
Andrea Martins



Associação dos Arqueólogos Portugueses

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Coordenação Editorial

José Morais Arnaud, César Neves e Mariana Diniz

Design gráfico

Paulo Freitas

Desenhos da capa e contracapa

Motivos da Lapa dos Gaivões, Paineis 6. © Andrea Martins

Impressão

Greca, Artes Gráficas

Tiragem

400 exemplares

ISBN

978-989-35672-3-4

Depósito legal

544271/25

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os textos desta publicação são da inteira responsabilidade dos autores.

4

Prefácio

José Morais Arnaud

8

In memoriam Andrea Martins

Mariana Diniz

14

O universo feminino na arte rupestre portuguesa e os rios da sua memória

Sofia Figueiredo-Persson

48

Arte Rupestre Portuguesa no Feminino

Joana Valdez-Tullett

94

Rocha 9 do Fariseu: contributo para a datação e contextualização da arte do Côa

Thierry Aubry, André Tomás Santos, Miguel Almeida, Sílvia Aires, António Fernando Barbosa, Luís Luís, Marcelo Silvestre

146

Contributos para o conhecimento da produção gráfica magdalenense do Vale do Côa: o dispositivo parietal paleolítico da rocha 80 do Vale de José Esteves

André Tomás Santos, Tania Mosquera Castro, João Fernandes, Luís Luís, Marcelo Silvestre, Thierry Aubry, Miguel Almeida

178

O projecto LandCRAFT e a Arte Esquemática do Vale do Côa

Lara Bacelar Alves, Mário Reis, João Muralha Cardoso, Vera Caetano, Beatriz Comendador Rey, Bárbara Carvalho, Susana Lopes, Teresa Silva, Fernando Carrera Ramírez, Teresa Rivas Brea, Andrew Meirion Jones, Hannah Sackett, António Batarda Fernandes, José Santiago Pozo Antonio, Pablo Barreiro, Sérgio Gomes

220

As gravuras das rochas 1 e 2 de Namoradas (Urgal, Vila Nova de Foz Côa).

Contributo para o conhecimento da arte esquemática gravada do Complexo Rupestre Côa-Douro

Mário Varela Gomes

264

Revisitando o Monte Faro (Valença do Minho): um extraordinário complexo de Arte Atlântica do Noroeste peninsular

Lara Bacelar Alves, Mário Reis, Joanna Valdez-Tullett

286

Onde se perpetuam os mitos... A evolução da arte rupestre pré-histórica de Serranópolis na sua paisagem, Goiás, Brasil

Antonio Batarda Fernandes, Rosiclér Theodoro da Silva, Julio Cezar Rubin de Rubin, Fernanda Elisa Costa P. Resende, Claudete Radel, Maira Barberi

306

Os Arquivos da Arte Rupestre do Tejo

Francisco Sande Lemos

330

Andrea Martins. Biobibliografia

César Neves

Prefácio

José Morais Arnaud

Presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



No dia 22 de Junho de 2024 deixou-nos Andrea Martins, que fez parte da Associação dos Arqueólogos Portugueses desde o dia 14 de Dezembro de 2004 e integrou os seus corpos gerentes durante os últimos 6 anos, tendo dado uma contribuição do maior relevo para a dinamização desta instituição de utilidade pública, sem fins lucrativos, quer no âmbito das actividades da Secção de Pré-História, contribuindo para o seu funcionamento regular, quer ainda organizando diversos colóquios temáticos, estabelecendo a ponte entre os arqueólogos mais experientes e as novas gerações. A sua contribuição tornou-se especialmente relevante nos últimos dez anos, tendo desempenhado um papel fundamental na organização da Festa da Arqueologia e sobretudo dos Congressos de Arqueologia da AAP de 2013, 2017, 2020 e 2023, nos quais foram apresentadas e publicadas centenas de comunicações, mobilizando toda a comunidade arqueológica. Como membro da Direcção da AAP assumiu com grande eficiência a coordenação das publicações da AAP, em estreita colaboração com César Neves.

Além desta intensa actividade associativa, a Andrea destacou-se sobretudo pelas suas qualidades humanas e pelo trabalho que desenvolveu como investigadora no domínio da Arte Pré-Histórica, revelando um conjunto muito vasto de representações artísticas, que estudou de uma forma inovadora, quer do ponto de vista metodológico, quer sobretudo da abordagem teórica.

A Direcção da AAP decidiu, assim, que a melhor forma de homenagear uma arqueóloga cuja promissora carreira como investigadora foi precocemente cerceada, seria através da organização de um Colóquio sobre Arte Rupestre, em que se apresentassem os resultados das mais recentes investigações nesse domínio. Foram assim convidados a apresentar comunicações autores já com um vasto currículo, bem como investigadores das gerações mais recentes, envolvidos em projectos de longo prazo, alguns dos quais ainda em fase de arranque, que também a incluíam como investigadora. Felizmente, a resposta foi bastante positiva, pelo que pudemos incluir no volume que agora se apresenta as contribuições de cerca de três dezenas de autores, que representam o estado da arte neste domínio, constituindo um excelente ponto de partida e uma obra de referência incontornável para futuras investigações.

Onde se perpetuam os mitos... A evolução da arte rupestre pré-histórica de Serranópolis na sua paisagem, Goiás, Brasil

**António Batarda Fernandes¹, Rosiclér Theodoro da Silva²,
Júlio Cezar Rubin de Rubin³, Fernanda Elisa Costa P. Resende⁴,
Claudete Radel⁵, Maira Barberi⁶**

¹ Chefe da Divisão do Património Cultural, CCDR-LVT / Investigador Agregado no Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património, Universidades de Coimbra e do Algarve (Portugal)

² Arqueóloga, Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Brasil)

³ Geoarqueólogo, Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Brasil)

⁴ Arqueóloga, Pesquisadora independente e Gestora na empresa Clam Meio Ambiente (Brasil)

⁵ Pesquisadora independente (Brasil)

⁶ Palinóloga, Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Brasil)

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Resumo: O complexo de arte rupestre de Serranópolis compreende cerca de 40 abrigos rochosos com níveis de ocupação humana que datam desde aproximadamente 11 mil anos AP. A arte rupestre presente nestes abrigos soma milhares de motivos gravados e pintados, divididos em dois grandes grupos temáticos: naturalista, incluindo representações humanas, animais e vegetais, e geométrico, incluindo círculos, triângulos, losangos, traços e pontos. Investigação vem sendo realizada desde a década de 1970, mas apesar da sua importância e antiguidade, os sítios arqueológicos ainda não foram estudados a ponto de fornecer informações consolidadas. A pesquisa em curso neste momento envolve arqueologia e paisagem, assim como a dinâmica geoarqueológica, examinando como diferentes processos moldaram a inscrição de arte rupestre no território.

Palavras-chave: Serranópolis; Arte rupestre brasileira.

Abstract: The Serranópolis rock art complex comprises about 40 rock shelters with levels of human occupation dating back to approximately 11,000 years BP. The rock art present in these shelters adds up to thousands of engraved and painted motifs, divided into two large thematic groups: naturalistic, including human, animal and plant representations, and geometric, including circles, triangles, rhombuses, lines and points. Research has been carried out since the 1970s, but despite their importance and antiquity, the archaeological sites have not yet been studied to the point of providing consolidated information. Ongoing research at the moment involves archaeology and landscape, as well as geoarchaeological dynamics, examining how different processes have shaped the insertion of rock art in the territory.

Keywords: Serranópolis; Rock art in Brazil.

Preâmbulo: In memoriam Andrea Martins

A triste nova do falecimento da Andrea a todos apanhou de surpresa, assim como profundamente abalou... A presente ocasião, que em boa hora a Associação dos Arqueólogos Portugueses promoveu, permite atenuar, mesmo que apenas efemeramente, o pesar da sua partida precoce. E permite, sobretudo, comemorar o percurso singular da Andrea na arqueologia e nos estudos de arte rupestre em particular. Assim, é com muita honra que contribuimos para esta homenagem com uma introdução geral ao complexo de arte rupestre de Serranópolis. Embora respeitante a uma tradição artística rupestre diversa daquelas que encontramos em Portugal, julgamos que este escrito cumpre com o desígnio de preitear alguém que sempre revelou grande sentido de aventura, literalmente, mas também do ponto de vista académico, pois as avenidas de investigação que ajudou a traçar e trilhou demonstram o quanto pela Andrea foi desbravado nos estudos de arte rupestre. Por outro lado, a Andrea era uma alma pura, ecuménica e conciliadora que procurava constantemente o que nos une e não o que nos separa.

Em Serranópolis entrevemos morando nos paredões de arenito diversos mitos das sucessivas gerações de seres humanos que ocuparam a região. O seu estudo, como de toda a arte rupestre, como demonstrou a Andrea, permite que esse ideário se perpetue, não no seu sentido primitivo, perdido no caso de já não sobreviverem sociedades produtoras originais, como sucede em Serranópolis, mas na sua permanência ‘física’ em variados suportes de documentação. Sobretudo perpetuam-se através da criação dos outros ‘novos’ significados que todos os investigadores promovem quando ensaiam proceder à interpretação de motivos gravados e pintados.

1. Introdução

O município de Serranópolis, localizado no sudoeste do estado brasileiro de Goiás, possui um complexo arqueológico significativo que engloba arte rupestre e sítios de ocupação humana. São conhecidos cerca de 40 sítios, com arte pré-histórica e camadas arqueológicas, tendo o nível mais antigo identificado sido datado em cerca de 11.000 anos AP. (Figura 1)

O conjunto arqueológico foi originalmente identificado, escavado e pesquisado entre as décadas de 1970 e 1990 por equipes lideradas por Pedro Ignácio Schmitz (Schmitz et al. 1989, 1997, 2004). Com a publicação destes trabalhos de referência para o estudo deste complexo arqueológico, o primeiro capítulo de investigação foi concluído. Essa etapa favoreceu a criação da Associação de Condutores de Turismo e Expedição de Serranópolis e de empreendimentos de ecoturismo e turismo cultural. (Figura 2)

Felizmente, na última década, foi possível reatar a investigação arqueológica na região, nomeadamente através de projetos liderados por Rubin (Rubin

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Onde se perpetuam os mitos... A evolução da arte rupestre pré-histórica de Serranópolis na sua paisagem, Goiás, Brasil

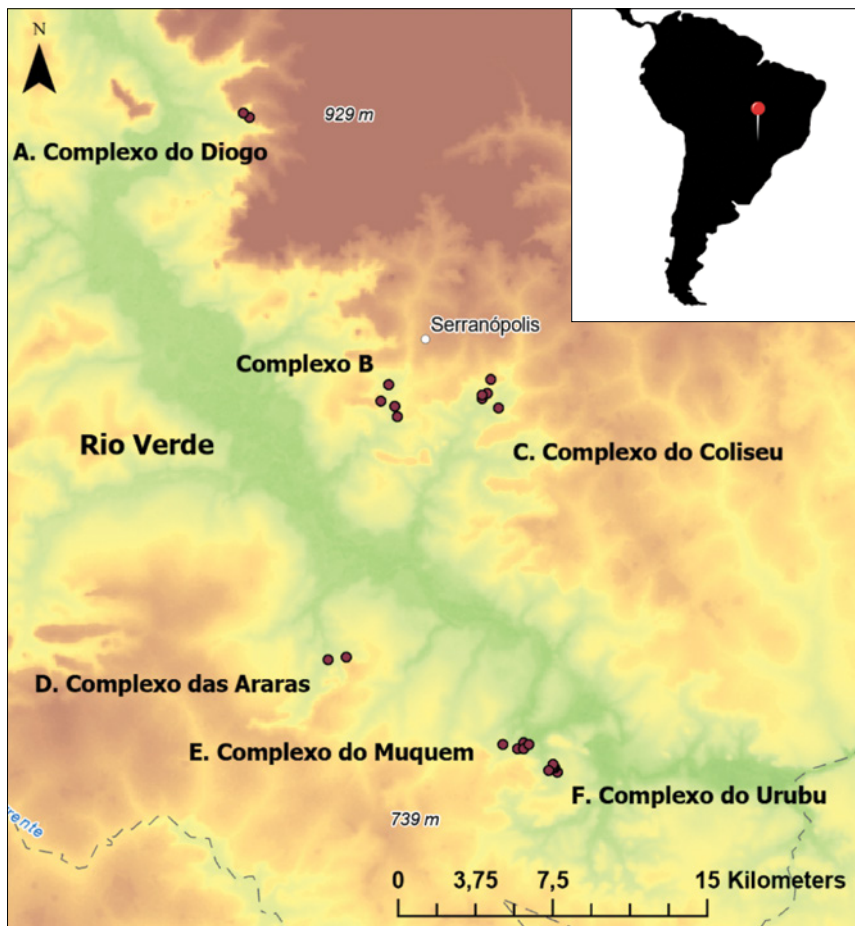


Figura 1 - Distribuição dos conjuntos de sítios de arte rupestre existentes na região.



Figura 2 - Entrada para o percurso de visita à arte rupestre da Pousada das Araras.

et al. 2017) ou Resende (2013), coautores deste escrito, que se mantiveram igualmente vigilantes no que respeita ao estado de conservação dos sítios e motivos de arte rupestre.

Tal esforço deu resultados, uma vez que em 2019 a Superintendência do Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional de Goiás (IPHAN/GO) decidiu levar a cabo os trabalhos de limpeza, manutenção e conservação dos sítios de arte rupestre reportados noutra ocasião (Fernandes et al. 2023).

(Figura 3)

De uma forma resumida, estes trabalhos consistiram na limpeza da vegetação e vestígios deixados pela microfauna, como sejam as galerias construídas pelas térmitas, bem como no teste de métodos para remover graffiti e outros processos que geram pátinas, como líquenes, fungos e percolação de ácidos húmicos que afetam as figuras. Outras tarefas incluíram a verificação da localização dos sítios fornecida pela equipe de Schmitz na década de 1970, a avaliação geoestrutural e ambiental, a identificação e cartografia de grutas no interior de abrigos, e documentação vídeo e fotográfica. Atenção especial foi também dada ao envolvimento da sociedade local, nomeadamente da comunidade escolar. (Figura 4)



Figura 3 – Análise, com lupa portátil, de graffiti recente resultado de ato de vandalismo afetando diretamente motivo de arte rupestre. Neste caso em concreto foi utilizado um medicamento(!) veterinário de cor roxa para tratar infeções dos cascos de gado vacum.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins





Figura 4 - Um dos membros da equipe e coautores deste escrito examinando aspectos do coberto vegetal de um painel de arte rupestre. Note-se igualmente, à direita na Figura, as galerias das térmitas afetando motivos pintados.

2. O complexo artístico de Serranópolis

2.1. Geologia e Geomorfologia

Litologias como basalto e arenito, principalmente, em conjunto com processos orogênicos, resultaram em formas tabulares (regionalmente conhecidas como chapada), encostas com declividades variáveis e vales. Episódios de erosão diferencial sobre os arenitos possibilitaram a formação de abrigos rochosos e feições residuais (morros testemunho). Os sítios localizam-se predominantemente em abrigos de arenito, associados a “paredões” que ocorrem em segmentos de encostas com declividade elevada, geralmente entre 70 e 90 graus e morros testemunho. (Figura 5)

2.2. O Cerrado

Ocupando áreas distribuídas principalmente pela região central do Brasil, este Bioma originalmente abrangia os estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Distrito Federal, Bahia, Maranhão, Piauí, Rondônia e São Paulo. O Bioma Cerrado constituía o ecossistema típico de cerca de 25% do país até há relativamente pouco tempo. No entanto, estima-se que mais de 75% dessa cobertura original tenha sido perdida para a agricultura e pecuária, com apenas 2,2% de sua área total remanescente protegida por



Figura 5 – Perspetiva desde a Pousada das Araras dos morros testemunho contendo painéis de arte rupestre, nomeadamente, à direita na Figura, GO-Ja-03. De realçar igualmente a presença do Bioma Cerrado, neste caso na sua fitofisionomia mais densa Cerradão, que se inicia precisamente após o final da área desmatada em torno da Pousada das Araras.



Figura 6 – Paredão onde se situam os painéis com arte rupestre do sítio GO-Ja-03.

leis federais (Ratter, Ribeiro & Bridgewater; Klink & Machado 2005; Ribeiro & Walter 2008). O município de Serranópolis acumula a sobrevivência de áreas de Cerrado razoavelmente bem preservadas, nomeadamente na Pousada das Araras, com a presença dos sítios de arte rupestre que aqui sinteticamente apresentamos. (Figura 6)

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Onde se perpetuam os mitos... A evolução da arte rupestre pré-histórica de Serranópolis na sua paisagem, Goiás, Brasil

2.3. Os sítios arqueológicos

Embora o número de sítios conhecidos tenha aumentado nos últimos anos, os trabalhos realizados na década de 1970 identificaram inicialmente 26 sítios arqueológicos na área de Serranópolis, ao longo de ambas as margens do Rio Verde (Schmitz et al. 1989, 1997, 2004). Atualmente conhecem-se mais de 40 sítios na sua maioria com arte rupestre (Resende et al. 2019).

Além de um importante acervo de motivos de arte rupestre, pintados e gravados, estes abrigos preservaram quantidades consideráveis de materiais líticos e cerâmicos, associados a diferentes períodos de ocupação: as fases Paranaíba (caçadores-coletores) e Serranópolis (transição entre sociedades de caçadores e produtores de cerâmica) da Tradição Itaparica e a fase Jataí (sociedades agropecuárias e produtoras de cerâmica) da Tradição ceramista Una. A data mais antiga obtida para ocupação humana na região consiste em 10.740 ± 85 anos AP para o sítio GO-Ja-14, com datas ulteriores representando as fases diferentes de ocupação acima notadas (Schmitz et al. 1989, 2004). (Figura 7)



Figura 7 - Abrigo que constitui a Gruta do Diogo 1 (GO-Ja-01).

2.4. A arte rupestre

Apesar da importância das datas de ocupação humana que foi possível obter a partir das escavações, a arte rupestre é indiscutivelmente a característica arqueológica mais proeminente na região. De facto, estas obras artísticas fornecem informações valiosas, nomeadamente tendo em conta a profusa sobreposição de motivos, para caracterizar a evolução da ocupação humana na macrorregião, uma vez que algumas das imagéticas de arte rupestre partilham características estilísticas com motivos rupestres localizados noutros pontos do planalto central brasileiro, como seja a tradição São Francisco e a tradição Planalto. A identificação de grandes temas artísticos pode contribuir para uma melhor compreensão da expressão simbólica pré-histórica nesta área e suas ligações com outras regiões do Brasil.

2.5. Tipologias da arte rupestre

Os motivos gravados constituem cerca de 4.000, superando largamente os motivos pintados que são cerca de 1.150. Quando se consideram os motivos geométricos versus os naturalistas, estes últimos representam apenas um quinto do total de motivos pintados e ainda menos no que diz respeito às imagens gravadas. As pinturas foram maioritariamente realizadas com pigmentos vermelhos; mais raramente surge o amarelo, o cor de laranja, o preto e mesmo o branco. Os motivos estão representados de forma hirta, logrando-se apenas identificar incipientes interações, ou seja, a representação de cenas é rara. Embora mais concentradas no sítio mais conhecido (GO-Ja-03, um dos vários sítios localizados na Pousada das Araras), existem vários painéis em que as sobreposições estão presentes (Schmitz et al. 1984, 1997, 2004). (**Figura 8**)

2.6. Motivos naturalistas

Os motivos naturalistas incluem imagens de seres vivos como lagartos, tatus, tartarugas, macacos, veados, e aves como emas, seriemas, araras, urubus e papagaios. (**Figuras 9 e 10**)

Estão também representadas pegadas humanas, felinas ou de pássaros, podomorfos e plantas. (**Figuras 11 e 12**)

As figuras humanas, em menor número, estão igualmente presentes, embora obtidas de forma menos aperfeiçoada e por vezes apenas parcialmente, o que em ocasiões origina dificuldades de categorização como sendo representações de faces ou de máscaras. (**Figura 13**)

2.7. Motivos geométricos

Os motivos geométricos incluem simples linhas retas e motivos mais elaborados: estrelas, cruzes, pontos, quadrados, retângulos, triângulos, círculos, elipses, ovais ou losangos. (**Figura 14 e 15**)

Dificultando a classificação como naturalista ou geométrica, existem ainda objetos identificados como propulsores ou cestos, além de motivos indeterminados.





Figura 8. Painel mais profusamente decorado dos vários existentes no sítio GO-Ja-03 na Pousada das Araras, sendo observáveis muitos dos tipos de motivos naturalistas e geométricos presentes no complexo de arte rupestre de Serranópolis.



Figura 9 – Representações de lagartos em GO-Ja-03, Pousada das Araras. Note-se os motivos geométricos ao centro e esquerda da Figura, bem mais esbatidos do que as representações zoomórficas.



Figura 10 – Outra perspectiva do painel mais decorado de GO-Ja-03, Pousada das Araras. Notem-se as sobreposições, as representações de aves, lagartos, podomorfos, e motivos geométricos como sejam losangos.



Figura 11 – Pegada humana gravada juntamente com pegada de ave. GO-Ja-01, Complexo do Diogo.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins





Figura 12 - Profusão de representações gravadas de pegadas de aves, e de outros motivos lineares. GO-Ja-01, Complexo do Diogo.



Figura 13 - Possível representação de máscara. Gruta do Mel, Complexo B.



Figura 14 - Motivo (ou conjunto de motivos) de carácter geométrico de difícil categorização. GO-Ja-01, Complexo do Diogo.



Figura 15 - Motivo geométrico representando uma cruz. Note-se o contorno a cor de laranja, tornando este um motivo bicolor. Pousada das Araras.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



2.8. Dados relevantes sobre a arte rupestre

A investigação levada a cabo na região desde os anos de 1970 possibilitou perceber que abrigos com mais arte rupestre correspondem àqueles com uma mais longa sequência de ocupação humana, sendo que, tendo em conta os materiais líticos com vestígios de tinta recuperados nos sítios escavados, a arte rupestre pintada começou a ser realizada desde o início da ocupação humana da região. É ainda relevante notar que as figuras zoomórficas representadas não correspondem à maioria dos vestígios osteológicos dos animais identificados nas camadas arqueológicas (Schmitz et al. 1989, p. 152-180; 1997).

Em determinados segmentos do vale, os padrões meândricos do Rio Verde resultaram em grandes alterações da paisagem. Além disso, tais meandros, pelas suas características, incluindo maior fertilidade dos solos aí situados (Blanckaert et al. 2009), foram importantes para a obtenção de recursos por grupos pré-históricos, tornando o seu estudo vital para a compreensão do modelo de dispersão de arte rupestre na região (Rubin et al. 2020), tendo em conta o já sugerido noutros casos para contextos semelhantes (Nagel et al. 2022). **(Figura 16)**

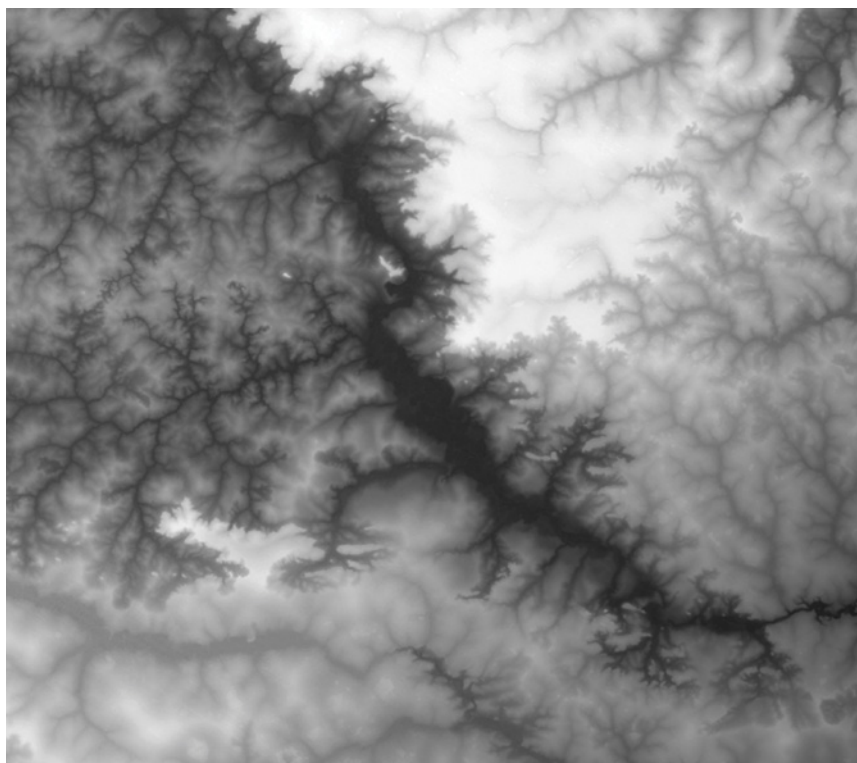


Figura 16 - Hipsometria da região de interesse. Figura sem escala. A área abrangida corresponde grosso modo à área representada na Figura 1. Tons mais escuros denotam menor altitude.

3. Desafios futuros

Foram identificadas as prioridades para um programa de investigação abrangente que prossiga o trabalho já realizado no complexo arqueológico de Serranópolis. Um dos caminhos a seguir passará pela verificação da possibilidade de datação direta dos motivos pintados. Também a prospeção exaustiva da região e a realização de novas escavações deverão ser ações a promover, a par da revisão sistemática dos dados recolhidos pela equipa coordenada por Schmitz, incluindo nova documentação e remapeamento de motivos e abrigos. Estas ações permitirão o estabelecimento de uma cronologia mais fina da presença humana na região, caracterizando mudança e permanência no uso cultural, social e económico do território ao longo do tempo. Por diversos motivos, deste vasto programa apenas foi possível continuar com a escavação de novas áreas em abrigos já conhecidos, cujos resultados aguardam atualmente publicação. (Figura 17)



Figura 17 - O uso do aplicativo DStretch para realçar motivos pintados (imagem à direita) do Complexo do Diogo é exemplificativa de avenidas futuras de investigação relativas à arte rupestre de Serranópolis. GO-Ja-01.

Altas temperaturas, seca prolongada, risco de incêndio, agricultura intensiva no entorno de todo o complexo arqueológico, com a realização sazonal de queimadas, interferem diretamente no meio ambiente e consequentemente na conservação e preservação dos sítios e das representações rupestres presentes. Entre os efeitos observados contabilizam-se desequilíbrios na microfauna verificando-se o aumento das colónias de térmitas e da presença de carrapatos, a diminuição expressiva de fauna nativa e a intensificação da proliferação de líquenes e percolação de soluções sobre as imagens. A cada ano a pressão dos efeitos da agricultura e das mudanças climáticas colocam em risco os abrigos e o seu contexto arqueológico. Como os riscos a que estão su-

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



jeitos os abrigos e a arte rupestre são enormes, a necessidade de maior aporte de recursos para seu o estudo é urgente, sob pena de perda da informação que guardam e que representa pequena parte do conhecimento pré-histórico legado de milênios (ver Rubin et al. 2013). Refira-se, a título de exemplo, que a arte rupestre existente é praticamente o único testemunho do conjunto faunístico outrora existente.

4. Conclusão

Continuamos a acreditar que o estabelecimento de um projeto de longo alcance dedicado à pesquisa, gestão, conservação e partilha pública dos valores do património cultural e natural da região, a Arte Rupestre e o Cerrado, encerra o potencial para responder a questões fulcrais para o futuro da região. Falamos concretamente da aliança a estabelecer, cremos que virtuosa e potenciadora de maior alcance do que a defesa de cada dimensão de forma independente, entre preservação do património cultural e do património natural. O exemplo da Pousada das Araras, uma Reserva Particular do Património Natural (RPPN) cuja existência fomenta a preservação do Cerrado e dos sítios arqueológicos (Nogueira et al. 2008; Fernandes et al. 2023), deve ser promovido de forma mais alargada, de modo a atrair mais recursos para investigação, conservação e valorização. Da escala local e regional, atualmente linhas da frente na batalha pela preservação da riqueza e diversidade natural e cultural do Brasil, à escala nacional e global onde as consequências da perda de habitats, memórias e diversidade cultural e natural a todos deixa mais desgraçados...

Referências bibliográficas

BLANCKAERT, Koen; SCHNAUDER, Ingo; Sukhodolov, Alexander; van BALEN, Wim, & UIJTTEWAAL, Wim (2009) – Meandering: Field experiments, laboratory experiments and numerical modeling. *River, Coastal and Estuarine Morphodynamics (RCEM)*.

FERNANDES, António B.; RESENDE, Fernanda E. C. P.; SILVA, Sergia M.; SOUZA, Uelde F.; RUBIN, Julio C. R.; BARBERI, Maira; BICHUETTE, Maria E.; ZEPON, T.; & GALLÃO, Jonas E. (2023) – Rock art in the Cerrado: Cultural and natural heritage conservation come together at Serranópolis, Goiás, Brazil. In FERNANDES, António B., MARSHALL, Melissa & DOMINGO, Inés (eds.) *Global Perspectives for the Conservation and Management of Open-Air Rock Art Sites*. Londres e Nova Iorque: Routledge. ISBN: 9780367376277.

KLINK, Carlos A. & MACHADO, Ricardo B. (2005) – Conservation of the Brazilian Cerrado. *Conservation Biology*, 19(3), pp. 707-713.

NAGEL, Gustavo W.; NOVO, Evelyn M.; MARTINS, Vitor S.; CAMPOS-SILVA, João V.; BARBOSA, Claudio C. F. & BONNET, Marie P. (2022) – Impacts of meander migration on the Amazon riverine communities using Landsat time series and cloud computing. *Science of The Total Environment*, 806 (2), 150449.

RATTER, James A.; RIBEIRO, José F. & BRIDGEWATER, Samuel (1997) – The Brazilian Cerrado vegetation and threats to its biodiversity. *Annals of Botany*, 80(3), pp. 223-230.

RESENDE, Fernanda E. C. P. (2013) – *Arte rupestre – Estudo comparativo entre imagens do passado e do presente nos abrigos de Palestina de Goiás e Serranópolis. Resgate de pinturas e gravuras invisibilizadas pela ação do tempo*. Goiânia: Instituto de Pré-História e Antropologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

RESENDE, Fernanda E. C.; FERNANDES, António B.; RUBIN, Julio C. R.; BARBERI, Maira; BICHUETTE, Maria E.; GALLÃO, Jonas E.; ZEPON, Tamires; SILVA, Sergia M.; SOUZA, Uelde F. (2019) – *Relatório final das ações emergenciais de conservação das pinturas e gravuras rupestres nos sítios de abrigos do Complexo Arqueológico de Serranópolis-GO*. Brasília, DF: MRS Estudos Ambientais.

RIBEIRO, José F. & WALTER, Bruno M. T. (2008) – Fitofissionomias do Bioma Cerrado. In SANO, Sueli M.; ALMEIDA, Semiramis P. & RIBEIRO, José F. (eds.) *Cerrado: ambiente e flora*. Planatina, Embrapa/CPAC, pp. 89-168.

NOGUEIRA, Jorge M.; IMBROISI, Denise & RIOS, Rejaine, (2008) – Ecoturismo e conservação da diversidade biológica: uma avaliação econômica de potenciais complementaridades. *XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*. Rio Branco, Acre, Brasil.

RUBIN, Julio C. R.; SILVA, Rosicler; SANTOS, Nicali B. F. & ROSA, Maria E. C. (2013) – Patrimônio arqueológico e fenômenos climáticos: como os fenômenos IOS podem afetar os sítios arqueológicos no Bioma Cerrado. In: Rubin, Julio C. R.; Silva, Rosicler (orgs.). *Geoarqueologia*. Goiânia: PUC Goiás, pp. 181-205.

RUBIN, Julio C. R.; LORENZO, Francisco; SILVA, Rosicler & CORREA, Daniel (2017) – Efeitos da erosão em sítios arqueológicos no Estado de Goiás. Casos de Serranópolis e Palestina de Goiás. *Clio Arqueológica*, 32(1), pp. 37-67.

RUBIN, Julio C. R.; VIANA, Sibeli; SILVA, Rosicler; BARBERI, Maira; RESENDE, Fernanda; FREITAS, Joanne; SOUZA, Mariana & RIBEIRO, Eloah (2020) – Cazadores-recolectores y el paisaje en Serranópolis, Goiás, Brasil. *Boletín de Arqueología PUCP*, 29, pp. 129-158.

SCHMITZ, Pedro I.; BARBOSA, Altair S.; JACOBUS, André L. & RIBEIRO, Maira B. (1989) – *Arqueologia nos cerrados do Brasil Central. Serranópolis I*. Antropologia 44. Instituto Anchieta de Pesquisas.

SCHMITZ, Pedro I.; SILVA, Fabiola A. & BEBER, Marcus V. (1997) – *Arqueologia nos cerrados do Brasil Central. Serranópolis II. As Pinturas e Gravuras dos Abrigos*. Publicações Avulsas nº 11. Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS.

SCHMITZ, Pedro I.; ROSA, André O. & BITENCOURT, Ana L. V. (2004) – *Arqueologia nos cerrados do Brasil Central. Serranópolis III*. Antropologia 60. Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Para mim, as pinturas ou gravuras existentes em rochas ao ar livre, abrigos ou grutas são unicamente um artefacto arqueológico e, como tal, deverão ser tratadas como todos os outros. Necessariamente terão de estar integradas no seu contexto arqueológico, que neste caso não é uma sucessão estratigráfica de sedimentos, mas antes diversos parâmetros analíticos a diversas escalas, iniciando-se sequencialmente do pormenor para o geral através da análise do motivo, seguindo-se o painel, o abrigo, o contexto arqueológico, o território e a paisagem pré-histórica. Claro que são um artefacto distinto, com uma carga ideológica inerente muito explícita, pois representam grafismos elaborados directamente pelo homem ou mulher pré-históricos, factor presente em todos os artefactos arqueológicos, mas que neste caso provoca uma emoção e uma sensação de contacto mais próximo e íntimo com o Passado.

Andrea Martins, 2014

